

Semiótica da Cultura: A Semiosfera de Yuri Lotman aplicada ao universo do personagem Miguilim de João Guimarães Rosa

Alexandre Medeiros¹

Resumo: A partir do conceito de semiosfera de Yuri Lotman, o artigo busca aplicá-lo ao universo do personagem Miguilim, de João Guimarães Rosa. Dentro do conceito de fronteira da semiosfera de Lotman, procuraremos identificar aspectos desta fronteira na vida de Miguilim..

Palavras chave: signo. semiótica. semiosfera. fronteira. Miguilim. Lotman.

Abstract: From the concept of semiosphere (and the frontiers of semiosphere) coined by Yuri Lotman, this article discusses the character Miguilim (Guimarães Rosa) and some aspects of his “frontiers”.

Keywords: sign. semiotics. semiosphere. frontier. Miguilim. Lotman.

Introdução

Este ensaio é sobre o universo do personagem² Miguilim, da novela *Campo Geral*, de João Guimarães Rosa, que compõem o livro *Manuelzão e Miguilim*, um dos três volumes da obra *Corpo de Baile*, desmembrada pelo autor na 3ª. Edição (GUIMARÃES ROSA, 1984).

Em minha pesquisa verifiquei que Luciana Marques Ferraz analisou em 2010, os aspectos da infância de Miguilim, a velhice de Manuelzão, utilizando conceitos da literatura e da psicologia. Maribel Barbosa da Cunha e Alessandra Soares Brandão fizeram uma análise em 2013 do personagem Miguilim no diálogo entre o texto literário e a adaptação cinematográfica *Mutum*, de Sandra Kogut. Também consta uma análise filosófica entre a ética e a poética do personagem Miguilim em 2014, na revista *Pensar* da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte/MG. A novidade deste ensaio, como bem evidencia o título, é a aplicação do conceito de fronteira de Yuri Lotman ao personagem de Guimarães Rosa. Será possível aplicar ineditamente os conceitos de fronteira de Yuri Lotman ao universo do personagem Miguilim? Para buscar esta resposta, se faz necessário analisar a elaboração do conceito de semiosfera de Lotman, e compreender os conceitos de fronteira na semiosfera da cultura. Após detida releitura, de *Manuelzão e Miguilim*, edição de 1984, destaquei os trechos que julguei mais apropriados para a presente análise.

1. Uma breve notícia biográfica sobre Yuri Lotman

De acordo com Ekaterina Vólkova Américo³, Yuri Mikháilovitch Lotman nasceu em 1922, em uma família de intelectuais petersburgueses de origem judaica. Em 1939 foi para a Faculdade de Filologia da Universidade de Leningrado. Em 1945, finda a guerra, Lotman continuou seus estudos na mesma universidade e em 1952 defendeu tese de doutorado. Em 1954 tornou-se professor permanente na

¹ Bacharel em Administração de Empresas – UNIB. Mestrado em Ciências da Religião – UMESP. Doutorando em Ciências da Religião UMESP.

² Optarei em todo o texto, por utilizar “personagem”, nos dois gêneros.

³ Formada em História Russa, Literatura e Cultura Russa, pela Universidade de Moscou, com Mestrado e Doutorado em Literatura pela Universidade de São Paulo – USP.

Universidade de Tártu na Estônia. Lotman ampliou o horizonte semiótico, que incluía não apenas a literatura, como também a cultura em suas manifestações mais diversificadas: teatro, cinema, pintura, etiqueta de comportamento social do século XIX, e funcionamento do cérebro humano. Participou da Escola Semiótica de Tártu-Moscou e foi diretor do Departamento de Literatura Russa. Em 1990, publicou *The Universe of Mind*, em inglês, na cidade de Londres, onde desenvolveu o conceito de semiosfera. Casado com Zara Mints, também estudiosa de Filologia, tiveram três filhos e trabalharam a vida inteira lado a lado na Universidade de Tártu. Em 28 de outubro de 1993, ele faleceu (AMÉRICO, 2015).

2. O conceito de Semiosfera de Yuri Lotman

O conceito de semiosfera é uma junção de semiótica e biosfera. Semiótica é a teoria geral das representações, que leva em conta os signos sob todas as formas e manifestações que assumem (linguísticas ou não), ou seja, a semiologia. A semiologia é o estudo dos signos dentro da linguística. Para Ferdinand Saussure (1857-1913) pai da semiologia, o signo é a base da língua, estes signos acordados entre membros de uma mesma comunidade, formam o sistema de signos. O signo é a relação entre dois elementos, o significado e o significante, sendo o significante o aspecto material do signo, e o significado o conceito, a emoção e a conduta associadas ao signo (SAUSSURE, 2015). A palavra pode ser o significante, e a imagem mental o significado (NOGUEIRA, 2015). Segundo o filósofo e matemático americano Charles Peirce (1839-1914), o signo é uma representação mental, que permite que alguém conheça um objeto da realidade. Segundo Peirce três elementos compõem o signo: o representamen, o objeto referente e o interpretante. Ou seja, a representação de algo, que é o signo em si mesmo, o estímulo para compreensão de algo, e por fim aquele que juntará a representação, o estímulo e interpretará na sua mente, o objeto. Ele também concorda que os signos são convencionados e acordados por uma comunidade (PEIRCE, 2015). Podemos atribuir a estes dois estudiosos (Saussure e Peirce) os fundamentos da semiótica, que de acordo com Lúcia Santaella, é a ciência dos signos que estuda todas as formas do homem se comunicar: oral, escrita, desenhada, gestual, corporal. Para ela, o signo “é uma coisa que lembra outra coisa”, e é essência da semiótica (SANTAELLA, 2015). De acordo com Paulo Augusto de Souza Nogueira, Lotman se preocupará com a semiótica da fala, pois tudo o que falamos será transformado em significado (NOGUEIRA, 2015). Segundo Nogueira, Lotman se especializará na semiótica da poesia, na semiótica imagética, enfim, na arte, onde diferentes sistemas semióticos serão utilizados, onde será exigida delicadeza na produção de sentidos. Sendo assim, toda palavra emitida é um texto a ser codificado, decodificado e interpretado (NOGUEIRA, 2015), seja na música, na poesia, ou numa simples conversa. Para Lotman, o objeto da semiótica é qualquer objeto que necessite dos recursos de uma descrição linguística (LOTMAN, 1996, p. 10). Para Nogueira quando nos expressamos, o receptor receberá um código alterado do expressado, quando este devolver o que compreendeu, o que expressou se tornará receptor e gerará um novo código. E enfatiza que estes são os ruídos da comunicação - objeto de estudo de Lotman (NOGUEIRA, 2015). Podemos dizer que estes ruídos são “as reverberações metafóricas das palavras” (ALVES, 2011, p. 98), e essas metáforas, serão a forma como estruturaremos nossa concepção de mundo - os signos (NOGUEIRA, 2015). Em outras palavras, quando falamos ou escrevemos “borboleta”, criamos uma imagem mental, que será diferente para cada pessoa. Uns visualizarão uma borboleta amarela; outros uma azul, e assim por diante.

Para Lotman, a biosfera é um mecanismo cósmico que ocupa um determinado lugar estrutural na unidade planetária. Disposta na superfície de nosso planeta, ela

abarca todo o conjunto da matéria viva, pois transforma a energia do sol em energia química e física. Assim como na biosfera existe a transformação de energia solar, em energia química e física, este processo também transforma matéria inerte em matéria viva. Logo, metaforicamente na semiótica, existe também uma espécie de cosmos, com diversas reações, processos, possibilidades, que podemos classificar, como um planeta, onde tudo pode acontecer. Como na biosfera, a matéria inerte é transformada em matéria viva, na semiosfera, as linguagens criam vida, ou seja, novos significados. Pois os processos linguísticos são vivos, e estão em constante mutação. Sendo assim, na linguística, os processos culturais podem também gerar novas linguagens, novos sinais, novas traduções e novas compreensões. (LOTMAN, 1996, p. 10-12).

O Universo semiótico é como um conjunto de distintos textos e linguagens, unidos uns com os outros, como um edifício construído com diversos ladrilhos. Estes diversos ladrilhos semióticos, formam o grande edifício da semiosfera, não esquecendo que o conceito de semiosfera está ligado a determinada homogeneidade e individualidade semióticas (LOTMAN, 1996, p. 12). Posto que todos os níveis da semiosfera, desde a pessoa do homem, até um texto, são unidades semióticas globais. Elas representam assim, semiosferas colocadas umas dentro das outras, onde cada uma manifesta a propriedade de ser direita ou esquerda no espaço do diálogo (LOTMAN, 1996, p. 25). Ou seja, cada semiosfera tem visão, compreensão e interpretação própria. Portanto, quando duas semiosferas se encontram, surge um dos conceitos fundamentais do caráter semioticamente delimitado: a fronteira. (LOTMAN, 1996, p. 12).

3. A Fronteira na semiosfera da cultura de Yuri Lotman.

Para Lotman a “fronteira é um mecanismo bilíngue, que traduz as mensagens externas, em linguagem interna”, e vice-versa. Sendo assim, todos os mecanismos de tradução pertencem à estrutura de fronteira da semiosfera. Podemos atribuir de forma geral, que as fronteiras separam com uma fina membrana os espaços culturais particulares, filtrando as informações e mensagens. Os que vivem nas áreas de fronteira, se tornam tradutores de dois mundos. Apesar desta “zona de bilinguismo cultural”, temos também neste mesmo espaço, a “defesa da fronteira” (LOTMAN, 1996, p. 13-14). Este “jogo” de transmissão de informação, resistência, tradução, também “determina gerações de sentido, e surgimento de nova informação”. Para que isto ocorra, se faz necessário o surgimento de um “novo sistema dialógico”, marcado pelo “intercâmbio de informação”, numa reciprocidade mútua (LOTMAN, 1996, p. 17-18). Da mesma forma, para Roger Bastide não existe imposição e ou supremacia na influência cultural, antes existe uma influência mútua das culturas que se relacionam (*Apud*, BARRERA, 2015). No entanto, como bem lembra Nogueira, isto não significa que estas influências sejam aceitas e recebidas num clima pacífico, mas ocorrem mesmo em um espaço de combate e disputa, ainda que sejam inconscientes (NOGUEIRA, 2015). Quando olhamos para a história, podemos identificar este comportamento nos diversos movimentos artísticos e culturais, que romperam com fronteiras de tempo e de espaço. Fenômenos como o Renascimento, o Barroco, o Classicismo, e o Romantismo (LOTMAN, 1996, p.19-20).

Fronteira para Lotman é local “ambivalente”. Nogueira ao analisar este conceito, aponta que a fronteira separa, mas também une, é interno, mas também é externo. Para Nogueira é local bilíngue, pois pertence a duas culturas, dois locais. Local privilegiado na transformação de textos estrangeiros, em textos próprios (NOGUEIRA, 2015, p. 106). Ainda segundo Nogueira, Lotman, no final de sua vida, incluiu um novo conceito em suas análises de fronteira cultural: O conceito de “explosão e tempo deslocado”. Este conceito permitiu identificar, o que ocorre quando duas culturas completamente diferentes, tanto no tempo, como no espaço, se

encontram, se chocam. Mesmo que este encontro seja drástico, ainda assim, propicia a possibilidade de construção de novos textos. Nogueira analisa, que esta imprevisibilidade do que ocorrerá no choque das culturas, é o próprio conceito de “explosão” de Lotman (NOGUEIRA, 2015, p. 106-107).

Em linhas gerais, uma família é uma semiosfera, pois tem homogeneidade semiótica (LOTMAN, 1996, 12-13) e quando ela entra em contato com outra família, surge uma fronteira das semiosferas. Além é claro da possibilidade de alguém dentro da família, após este contato, começar a pensar ou compreender o mundo de forma diferente, respeitando a individualidade semiótica (ibidem, p. 12), nascendo uma fronteira individual dentro da própria família. Ou seja, surge uma semiosfera dentro de outra semiosfera, que vai desencadear necessariamente uma fronteira de semiosferas. Buscamos em João Guimarães Rosa a possibilidade de entendermos estes conceitos, lembrando que para Lotman, a poesia é “uma das formas mais poderosas de criação, condensação e produção de informação” (*Apud*, NOGUEIRA, 2015, p. 103).

4. O personagem Miguilim de João Guimarães Rosa na fronteira cultural.

De uma, nunca pôde esquecer: alguém, que já estivera no Mutum, tinha dito: - É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre. Mas sua mãe, que era linda e com cabelos pretos e compridos, se doía de tristeza de ter de viver ali. Queixava-se, principalmente nos demorados meses chuvosos, quando carregava o tempo, tudo tão sozinho, tão escuro; ou mesmo na estiagem, qualquer dia, de tardinha, na hora do sol entrar. - Oê, ah, o triste recanto...- ela exclamava (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 13).

Podemos identificar aqui dois mundos no “meio dos Campos Gerais” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 13), entre o Mutum e o Sucuriçu nas Minas Gerais. Miguilim ficava dividido entre o lugar que habitava e amava, e o sentimento de sua mãe, que não suportava o Mutum. Podemos dizer que este já é um local de fronteira. Com sete anos, foi levado para Sucuriçu pelo Tio Terêz para ser crismado. Esta viagem foi reveladora, e ele trouxe na bagagem uma boa notícia,

Quando voltou para casa, seu maior pensamento era que tinha a boa notícia para dar à mãe: o que o homem tinha falado – *que o Mutum era lugar bonito...* A mãe quando ouviu essa certeza, havia de se alegrar, ficava consolada. Era presente; e a idéia de poder trazê-lo desse jeito de cor, como salvação, deixava-o febril até nas pernas. Tão grave, grande, que nem o quis dizer à mãe na presença de outros (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 14).

É certo que quando olhamos para fronteiras culturais, pensamos em culturas completamente distintas e distantes, como tribos africanas, se encontrando com o europeu, mas esquecemos de pensar no Morro separando o Mutum do Sucuriçu em MG, como um lugar de fronteira. Podemos também levar em conta o menino Miguilim de sete anos, tentando compreender sua mãe adulta, buscando traduzir suas palavras, procurando entender seus sentimentos. O próprio Lotman ampliou este conceito e demarcou como área de fronteira a simples comunicação entre uma mãe amamentando seu filho pequeno, com o surgimento de uma mímica de oralidade e sinais (LOTMAN, 1996, p.19-20), possibilitando uma interação. Portanto podemos conceitualmente

identificar uma fronteira no tempo e no espaço em *Miguilim e Manuelzão* de Guimarães Rosa.

De acordo com Roger Bastide, o que pode sair da relação entre duas culturas é algo imprevisível (*Apud*, BARRERA, 2015). Assim que Miguilim pôde estar a sós com a mãe...

... abraçou-a e contou-lhe, estremecido, aquela revelação. A mãe não lhe deu valor nenhum, mas mirou triste e apontou o morro; dizia: Estou sempre pensando que lá por detrás dele acontece outras coisas, que o morro está tapando de mim, e que eu nunca hei de poder ver (GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 14).

Homi K. Bhabha cita na abertura de seu livro *O local da cultura*, uma sentença de Martin Heidegger, “Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual, algo começa a se fazer presente” (BHABHA, 2007, p.19). Como diz Lotman, “cada mensagem que se move deve ser traduzida” (*Apud*, NOGUEIRA, 2015, p. 106). A reação da mãe surpreendeu o menino, mas Miguilim se comporta como um homem de fronteira, ou seja, recebe a informação da mãe, e traduz de acordo com suas percepções,

No fundo de seu coração, ele não podia, porém, concordar, por mais que gostasse dela: e achava que o moço que tinha falado aquilo era que estava com a razão (GUIMARÃES ROSA, 1986, p. 15).

Segundo Luciana Marques Ferraz, existe no personagem Miguilim, uma espécie de ritual de passagem de infância para a vida adulta. São observados processos de descoberta dos sentidos da existência. Enlaces íntimos entre seu mundo interno e o contexto em que vive (FERRAZ, 2010). O menino começa a formar suas próprias opiniões a partir de suas percepções, e a partir do diálogo. Miguilim perguntou para seu Tio Terêz se ele achava o Mutum bonito, este prontamente respondeu que era “muito bonito” e que ele “gostava de morar” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 16). Ou seja, Miguilim constrói sua percepção neste local de diálogo, de embate e disputa. Dentro do conceito de semiosfera de Lotman, ele evidencia a importância do diálogo nas interseções das semiosferas, tanto o espaço do diálogo como a participação. E destaca que

...a la manifestación de la cualidad de ser derecho – izquierdo, lo cual desde el nivel molecular – genético hasta los más complejos procesos informacionales, es la base del diálogo – fundamento de todos los procesos generadores de sentido (LOTMAN, 1996, p. 25).

Através do diálogo na fronteira espacial e temporal, Miguilim constrói seu direito de expressar, mesmo que seja somente para ele, o direito de concordar com o moço do Sucuriju e com o Tio Terêz, que o Mutum era belo, e discordar da mãe, que somente reclamava do Mutum. Neste momento ele está no processo gerador de sentido, que irá influenciá-lo.

Miguilim morava no Mutum, mas havia nascido em “Pau-Roxo, na beira do Soririnhém”, conhecido como “buraco do mato”, mesma região dos Campos Gerais em MG (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 16). Primeiramente, sabemos que o texto deixa claro que todos são brasileiros, mas o interessante é que as práticas religiosas descritas pela família demonstram a influência de culturas. Nas lembranças de Miguilim constava que

... uma vez em que ele estava nu, dentro da bacia, e seu pai, sua mãe, Vovó Izidra e Vó Benvinda em volta; o pai mandava: Traz ò trem... Traziam o tatu, que guinchava, e com a faca matavam o tatu, para o sangue escorrer por cima do corpo dele para dentro da bacia [...] Ele tinha estado muito fraco, saído de doença, e que o banho no sangue vivo do tatu fora para ele poder vingar (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 16-17).

Podemos perceber nesta prática religiosa, influências da cultura Africana. Em uma entrevista feita por pesquisadores da PUC do Rio de Janeiro, com o Prof. Dr. Fernandes Portugal Filho⁴, em abril de 2008, ele relatou que,

O Sacrifício Animal é um dogma da cultura Yorubá, que foi transplantado no Brasil pelos Africanos [...] Hoje só se faz sacrifício de animais ditos “domésticos”, faço essa ressalva porque antigamente se fazia sacrifício de animais dito silvestres. Por exemplo, o Veado, o “Adjapa” (tartaruga), o tatú, já foram utilizados, como o lagarto e outros animais [...] Na verdade usamos o fluido, o etérico do sangue, que é o maior selo que temos, e a maior virtude que possa existir em um animal novo para se fazer uma transposição alquímica [...] você faz uma troca, uma transfusão de energias para aquela situação, por isso que é feito o sacrifício animal (FILHO, 2015).

Além dessa prática africana de cura para o filho, a família quando o Dito, irmão de Miguilim ficou muito doente, todos se reuniram na casa “de joelhos, diante do oratório. Até mãe. Vovó Izidra acendia a vela benta, queimava ramos bentos, agora ali dentro era mais forte. Santa Bárbara e São Jerônimo salvavam de qualquer perigo e desordem” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 31). Santa Bárbara, virgem mártir católica do século III, protetora nas tempestades, e São Jerônimo, tradutor da Bíblia para o Latim (Vulgata), padroeiro de arqueólogos e também das crianças. São invocados pela família em horas difíceis.

Portanto, as duas situações: o Sacrifício Animal Africano, com o banho de sangue, e a invocação de “Santos Católicos”, com as ervas aromáticas sendo queimadas, nos mostram que apesar das instituições religiosas normatizarem as práticas de culto, as pessoas desenvolvem suas próprias práticas, demonstrando independência total nas decisões. Pois, como diz Roger Bastide:

A crise do instituído, ou seja, das igrejas, não acarreta uma crise do instituinte, ou seja, da efervescência dos corpos e corações, da experimentação procurada da dinâmica do sagrado. O problema é que as jovens gerações querem permanecer no fervor do instituinte sem chegar à constituição de novos instituídos, os quais imediatamente o cristalizariam e mineralizariam em novas instituições de idéias sistematizadas, de gestos estereotipados, de festa regrada e sempre recomeçada. Por isso o sagrado de hoje se quer um Sagrado selvagem, em oposição ao Sagrado domesticado das Igrejas (BASTIDE, 2006, p. 265-266).

⁴ Babalorixá: Fernandes Portugal Filho que além de ser sacerdote do culto Yorubá, é professor do curso de pós graduação da Universidade de Havana em Cuba.

Ao mesmo tempo, que a família exerce sua liberdade de culto, exige que outros de diferentes crenças participem de sua devoção, não percebendo que as práticas se misturam e se repetem. A família de Miguilim usa uma prática africana, mas demoniza uma descendente Afro que está nas suas portas.

- Traste de negra pagã, encostada na cozinha, mascando fumo e rogando para os demônios dela, africanos! Vem ajoelhar gente [...] Mãitina não se importava, com nenhuns, vinha, ajoelhava igual aos outros, rezava. Não se entendia bem a reza que ela produzia, tudo resmungo (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 33).

Podemos identificar os conceitos de fronteira e tradução que Lotman desenvolve em sua teoria. Pois a família de Miguilim influenciada pela cultura dos colonizadores, pela cultura dos escravos e pela cultura indígena, constrói sua religiosidade própria. Por outro lado a Mãitina, “preta de um preto estúrdio, encaçado, transmanhada de mais grosso preto, um preto de boi” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 33), descendente de escravos africanos, também absorvia a religiosidade da casa onde vivia, além de traduzir as rezas católicas e ressignificar as práticas religiosas.

A teoria lotmaniana nos Permite compreender essa situação. Nogueira em seu artigo *Traduções do intraduzível: a semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera*, aponta que:

...a teoria *lotmaniana*, em especial em seus conceitos de semiosfera, de fronteira e de tradução, oferece um instrumental teórico-metodológico e um modelo de linguagem da cultura pertinentes para a análise da dinâmica das diferentes linguagens religiosas em constante transformação, tanto no mundo contemporâneo como no passado. Poderíamos estudar por exemplo, as formas cada vez renovadas da religiosidade popular na periferia das grandes cidades, os movimentos sincréticos dos novos cultos, esoterismo e espiritualidades [...] que assimilam e adaptam elementos que lhes são estranhos (NOGUEIRA, 2015, p. 107).

Da mesma maneira, Roger Bastide aumenta nossa compreensão. Segundo Barrera, Bastide desenvolveu o conceito da dupla causalidade, ou seja, causalidade interna e externa. Mostrando que as culturas possuem sua própria lógica interna, que favorece ou impede as mudanças culturais. Sendo assim, a cultura que chega, só poderá agir por intermédio da lógica interna da cultura afetada, pois a causalidade interna poderá se impor. Barrera aponta que para Bastide, todas as culturas são mistas e impuras. Ele critica o conceito de bricolagem das culturas, e defende que no encontro das culturas elas se estruturam, reestruturam e se desestruturam, lembrando que estas transformações não irão ocorrer necessariamente nesta ordem (BARRERA, 2015).

Aqui, podemos destacar mais uma vez, a ideia de Roger Bastide, em que as transformações que ocorrerão do encontro das culturas, é algo imprevisível (*Apud*, BARRERA, 2015). Da mesma forma, em Lotman encontramos conceito semelhante: para Nogueira, o conceito de explosão de Lotman:

...permite melhor observação do encontro de sistemas culturais totalmente diversos no tempo e entender as drásticas transformações

que dela derivam, com a criação intensificada de novos textos, a tal ponto que qualquer previsão dos desenvolvimentos futuros seja vedada ao historiador da cultura [...] Com o conceito de explosão, insere alto grau de dinamismo e de imprevisibilidade no sistema (NOGUEIRA, 2015, p. 107).

Nesta imprevisibilidade, começa a explosão cultural em Miguilim, onde as suas traduções serão mais requisitadas, onde novos discursos vão surgir. Diante do grande golpe da vida, a morte, o abalo *Thánatos*. Nesta fronteira entre a vida e a morte, Miguilim sofre um grande abalo. De acordo com Jean Lauand:

Não que esses abalos nos levem do quotidiano para um outro mundo; não! O que eles fazem é dar-nos um novo olhar – o de espanto e admiração (ou angústia) – sobre a mesma velha realidade, aparentemente tão inofensiva, que já aí estava... Assim, a canção *Força Estranha* de Caetano, dedicada à estranha força do abalo admirativo do ato poético, diz que ele se dá ocasionado por prosaicas realidades, como o menino correndo [...] Quanto ao abalo tanático [...] Tal como no abalo filosófico (ou artístico etc...) sentimo-nos arrancados de uma porção de coisas, permanecendo no mesmo lugar (LAUAND; CASTRO, 2011, p. 37).

Nessa área, onde se situa de um lado a vida e de outro a morte, demarcamos uma fronteira tão comum do nosso cotidiano e tão desconhecida do nosso intelecto. A doença do irmão persiste, mesmo utilizando todos os recursos religiosos conhecidos pela família, Miguilim apela para aquela que todos desprezavam: “faz um feitiço para ele não morrer, Mãitina! Faz todos os feitiços, depressa” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 108). Então ele viu todos chorando saindo da casa, e correu.

Estavam lavando o corpo do Dito, na bacia grande. Mãe segurava com jeito o pezinho machucado doente, como caso pudesse doer ainda no Dito, se o pé batesse na beira da bacia. O carinho da mão de Mãe segurando aquele pezinho do Dito era coisa mais forte neste mundo [...] Todos os dias que depois vieram, eram tempo de doer. Miguilim tinha sido arrancado de uma porção de coisas, e estava no mesmo lugar [...] Ele não era ele mesmo. Diante dele, as pessoas, as coisas, perdiam o peso de ser [...] Ao vago, dava a mesma idéia de uma vez, em que, muito pequeno, tinha dormido de dia, fora de costume – quando acordou, sentiu o existir do mundo em hora estranha, e perguntou assustado: - Uai, Mãe, hoje já é amanhã?! (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 109 e 111).

De acordo com Lauand, existe uma “força estranha que desestrutura nosso quotidiano arrumadinho e faz o tempo parar para ver com outro olhar a realidade mais prosaica” (LAUAND; CASTRO, 2011, p. 40). O abalo tanático transforma o menino em outra pessoa, pois uma mudança brutal acontece em sua vida, onde o mundo gira de tal maneira, que parece que não deu tempo de Miguilim acompanhar a mudança. “Uai, Mãe, hoje já é amanhã” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 112).

Como vimos em Lotman, na linguística, os processos culturais podem gerar novas linguagens, novos sinais, novas traduções e compreensões. Pois na semiótica, existe uma espécie de cosmos, com diversas reações, processos, e possibilidades, onde

tudo pode acontecer, o previsível e o imprevisível (LOTMAN, 1996, p. 11). Desta forma, na fronteira, a imprevisibilidade mais uma vez aparece, com a morte do irmão, sua casa fica cheia de gente, pessoas que ele conhece, e pessoas que ele não conhece,

... até dois homens sem conhecimento nenhum, homens de fora, que andavam comprando bezerros. Muitas mulheres, uma meninada. Descomeçava a ter de ter, de sofrer, Miguilim sempre ficava em todo o caso triste-contente, de que tanta gente ali estivesse, todos por causa do Dito (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 110).

Aqui estamos falando além das fronteiras territoriais e geográficas, estamos falando de fronteiras subjetivas, não vistas, não demarcadas, mas vividas. Na fronteira da vida e da morte, na fronteira da alegria e da tristeza, na fronteira da saúde e da doença, na fronteira do sorriso e do choro, João Guimarães Rosa apresenta-nos descortinadamente estas periferias, tantas vezes circuladas por nós, mas não percebidas. Nesta fronteira, nesta periferia, é onde nossa identidade cultural é realmente construída. De acordo com Barrera, as novidades não aparecem no centro, no poder, nas instituições, mas nas periferias, nas fronteiras. Este espaço periférico é rico de esperança (BARRERA, 2015). Miguilim percebe na sua vida, com a morte do irmão, o sentimento de extrema dor, e de contentamento pela presença das pessoas, “ele não era mais o mesmo. Diante dele, as pessoas, as coisas, perdiam o peso de ser” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 111).

Considerações finais.

João Guimarães Rosa vai desvelando o processo semiótico no universo de Miguilim, onde os signos vão sendo construídos, formados, alterados, ressignificados. Depois da morte do Dito, “Pai disse que era melhor Deus ter levado Miguilim que o Dito [...] O pai batia em Miguilim, mas este não chorava, pois imaginava como mataria o pai [...] também não gostava mais de mãe, como podia não defender filho pequeno” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 119-125). De modo sugestivo, Rubem Alves parafraseando Nietzsche, diz que as cobras que não conseguem trocar sua pele morrem, os espíritos que são impedidos de mudar de opinião deixam de ser espíritos (ALVES, 2012, p. 43-44). Assim também, Nogueira, fala que até textos religiosos são submetidos às “mais diversas atualizações e recodificações”, e são, “constantemente reapropriados e recodificados na sociedade” (NOGUEIRA, 2015, p. 102). Depois deste temporal de traduções, ressignificações na vida de Miguilim, novos textos, novos discursos vão surgindo sobre a vida; ele compreende que “alegre é a gente viver devagarinho, miudinho, não se importando demais com coisa nenhuma” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 138).

O tempo havia passado, o Dito havia morrido, o pai havia abandonado a família, mas Miguilim continuava naquele humilde vilarejo. Então, “de repente lá vinha um homem a cavalo”, aproximou-se do menino e perguntou: “Como é teu nome?” o menino respondeu: Miguilim. Eu sou irmão do Dito” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 139). Tantas ressignificações e mudanças já haviam ocorrido no universo do menino, mas ele continuava sendo o irmão do Dito. Para Bastide, tudo é apenas uma reestruturação cultural, velhas formas que mudaram de sentido, transformações semânticas (*Apud*, BARRERA, 2015). Aquele homem chegou perto de Miguilim e disse: “Espia daí: quantos dedos da mão você está enxergando?” O menino espremia os olhos. As irmãs riram. Aquele homem “corado, alto, com um chapéu”

(GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 139), tirou os seus próprios óculos e emprestou para o menino.

Miguilim olhou. Nem não podia acreditar! Tudo era uma claridade, tudo novo e lindo e diferente, as coisas, as árvores, as caras das pessoas. Via os grãos de areia, a pele da terra, as pedrinhas menores, as formiguinhas passeando no chão de uma distância (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 139-140).

Miguilim estava no mesmo lugar, mas vendo tudo diferente, seus olhos se abriram para um novo mundo, de luz, cor e formas jamais vistas, novos significados começam a surgir. Guimarães Rosa vale-se da visão física para que mais uma reestruturação aconteça na bagagem cultural deste menino do Mutum. Como diz Adélia Prado:

É a força da arte que faz com que abramos nossos olhos para a maravilha da Criação, a maravilha da experiência humana que nos aguarda (...) E por causa dessa qualidade eterna, dessa imponderabilidade, eu vejo que, para a humanização, a arte está no mesmo caminho da mística ou da fé religiosa: ambas experiências são independentes da razão: são experiências; a beleza é uma experiência e não discurso. Como quando um dia, num caminho habitual, você se espanta com algo – uma casa, uma obra, uma coisa – que já tinha visto muitas vezes – Que beleza! Eu nunca tinha enxergado isso desse jeito! - , aí você pode dar graças: você está tendo uma experiência poética, que é ao mesmo tempo, religiosa: no sentido que liga você a um centro de significação e de sentido (*Apud*, LAUAND; CASTRO, 2011, p. 34).

Aquele homem, o “doutor José Lourenço”, percebeu que aquele menino precisava de óculos, prometeu para mãe que se eles concordassem ele levaria o menino para um lugar, onde faria para ele óculos e o colocaria na escola, onde pudesse aprender. Miguilim olhou para mãe procurando aprovação, “Vai, meu filho. É a luz dos teus olhos, que só Deus teve poder para te dar. Vá [...] Um dia todos se encontram [...] Miguilim, me abraça, meu filhinho, que eu te tenho tanto amor” (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 140-141). José Lourenço

Tirou os óculos, pôs na cara de Miguilim. E Miguilim olhou para todos, com tanta força. Saiu lá fora. Olhou os matos escuros de cima do morro, aqui a casa, a cerca de feijão-bravo e são-caetano; o céu, o curral, o quintal; [...] Olhou, mais longe, o gado pastando perto do brejo, florido de são-josés, como um algodão. O verde dos buritis, na primavera vereda. O Mutum era bonito (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 142).

Para o filósofo alemão Josef Pieper, a riqueza da filosofia, não está na satisfação das necessidades e desejos, nem no domínio da natureza, mas precisamente no *theoréin*, no simples ato de ver (PIEPER, 2007, p. 21), contemplar. E a filosofia surge, quando o homem não se torna cego ao maravilhoso, que reside em que alguma coisa simplesmente exista. Neste sentido, o filósofo e o poeta se ocupam do maravilhoso (LAUAND; CASTRO, 2011, p. 31 e 29). Nogueira faz notar que para Lotman, mesmo que de forma drástica, o encontro das culturas permite a construção de novos textos (NOGUEIRA, 2015, p. 106-107). Podemos verificar, que mesmo que

drasticamente, no final, no último movimento fronteiriço de Miguilim, ele continuou vendo a beleza do Mutum, mas agora com mais luz, mais cor, e maior qualidade nas formas. Podemos perceber que este garoto da obra de Guimarães Rosa, é um menino de fronteira, e que não tem medo das novas fronteiras, ele “nem sabia o que era alegria e tristeza. Mãe o beijava. Rosa punha-lhe doces-de-leite nas algibeiras, para a viagem”. Partiu para um novo desafio, outro lugar, outras pessoas, juntamente com seus novos signos. “Um soluçozinho veio”, ele foi (GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 142).

Para Guimarães Rosa, “toda saudade é uma espécie de velhice” (*Apud*, ALVES, 2012, p. 49). Rubem Alves diz que Hegel “acreditava nas metamorfoses da história, dos longos períodos”, mas Alves “acredita na metamorfose da vida, ressurreições dentro de nossa própria vida” (ALVES, 2012, p. 49). Ekaterina Vólkova Américo, afirma que Lotman ampliou o horizonte semiótico, que agora incluía não apenas a literatura, como também a cultura, e o funcionamento do próprio cérebro humano (AMÉRICO, 2015, p. 78).

Neste ponto do ensaio compreendo que “Guimarães Rosa é um feiticeiro da palavra” (ALVES, 2012, p. 155), pois na sua obra,

... as dualidades e antíteses são comuns para que o conflito do sentimento seja enfatizado. Desse modo, homem e mundo, realidade e devaneio, mundano e divino aparecem sempre em contraste e nos colocam diante de muita angústia, aridez e ceticismo; mas a poesia que perpassa tal obra nos remete a momentos do próprio mundo interior daquelas personagens que, por vezes, retratam nosso desejo de lutas, perdas e glórias (PESSOA, 2015).

Através da vida e universo de Miguilim, enxergamos nossa própria vida, nossos encontros e desencontros, nossas idas e vindas, nosso chegar e nosso partir. As pessoas que chegam, e que vão, na fronteira de nossos sentimentos. Lotman permite que vejamos mais um viés na vida de Miguilim, e por que não na nossa própria experiência, na nossa própria existência, dentro de nosso cérebro. Miguilim, um menino de fronteira.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *Variações do Prazer*, São Paulo: Ed. Planeta Brasil, 2012

BARRERA, Dario Paulo. *Seminário Interdisciplinar do Doutorado em Ciências da Religião*. UESP-SBC. 2º semestre 2015 – 26/08/2015

BASTIDE, Roger. *O Sagrado Selvagem e outros ensaios*, São Paulo: Cia das Letras, 2006

BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007

FERRAZ, Luciana Marques. *A infância e a velhice: percursos em Manuelzão e Miguilim*, São Paulo: USP/TESES, 2010

GUIMARÃES ROSA, João. *Manuelzão e Miguilim*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984

LAUAND, Jean; CASTRO, Roberto C. G., *Filosofia e Educação: Universidade*. São Paulo/SP: Factash Editora, 2011

LOTMAN, Iuri M. *La Semiosfera: Semiótica de la cultura y del texto*. Vol.I, Valência, Frónnesis Cátedra Universitat de Valência, Madrid: Ed. Cátedra, 1996

NOGUEIRA, Paulo A. Souza. *Seminário Interdisciplinar do Doutorado em Ciências da Religião*. UESP-SBC. 2º semestre 2015 - 19/08/2015

NOGUEIRA, Paulo A. Souza. *Taduções do intraduzível: semiótica da cultura e o estudo de textos religiosos nas bordas da semiosfera*, Revista Estudos de Religião, v.29, n.1 . 102-123 . jan-jun. 2015

PIEPER, Josef, *Que é filosofar?* São Paulo/SP: Ed. Loyola, 2007

Referências digitais.

AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. *Yuri Lotman: entre biografia e obra* - http://www.usp.br/rus/images/edicoes/Rus_n02/10_VOLKOVA-E-Iuri-Lotman-rev.pdf- acessado 28/08/2015.

EDITORA ABRIL. *In: Veja*, 2015 <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/existe-o-personagem-ou- apenas-a-personagem/> - acessado em 16/04/2015.

FILHO, Fernandes Portugal, 2015, http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2008/relatorios/ccs/dir/yannick_yves_andrade_robert.pdf - acessado 28/08/2015.

GUIMARÃES ROSA, João. 2015, Bibliografia. *In: Uol* http://pensador.uol.com.br/autor/joao_guimaraes_rosa/biografia/ - acessado em 20/03/2015

KOGUT, Sandra, *MUTUM*, 2007, <https://www.youtube.com/watch?v=L9XoqOsbbVU> – acessado 31/08/2015.

PEIRCE, Charles Sanders, 2015, <https://www.youtube.com/watch?v=L0awGOMLdPg> – acessado 04/09/2015.

PESSOA, José Vinícius. 2015, *In: Passei Web, Modernismo e a obra de Guimarães Rosa* - http://www.passeiweb.com/estudos/sala_de_aula/portugues/guimaraes_rosa - acessado em 02/09/2015 (UFRJ)

SANTAELLA, Lúcia, 2015, <https://www.youtube.com/watch?v=NEbGr0nluHQ> – acessado 24/08/2015.

SANTAELLA, Lúcia, 2009, <https://www.youtube.com/watch?v=XhRgfLuZXNY> – acessado 12/09/2015. (Programa Sempre um Papo)

SAUSSURE, Ferdinand, 2015, <https://www.youtube.com/watch?v=L0awGOMLdPg> – acessado 04/09/2015.

Recebido para publicação em 05-09-15; aceito em 03-10-15